

O ACESSO A SAÚDE E A MEDICALIZAÇÃO DE CORPOS DE MULHERES NEGRAS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE NARRATIVAS

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

ANDRADE; Isadora Resende de ¹, MIRANDA; Tatiana Teixeira de ²

RESUMO

INTRODUÇÃO Conforme Vieira (2002), compreender a medicalização do corpo da mulher requer considerar a apropriação desse como objeto da medicina, na articulação entre eventos biológicos e a construção da condição social de gênero dos sujeitos. O desenvolvimento da medicina influenciou setores sociais e a medicalização do corpo feminino se fundamentou em ideias produzidas sobre este corpo e nas concepções de saúde e doença atreladas ao contexto historicamente situado (Vieira, 2002). As garantias em saúde na contemporaneidade, entretanto, são resguardadas pela Constituição Federal de 1988, segundo a qual, a saúde é um direito universal e igualitário a todos. Outrossim, considerando os atravessamentos sociais de gênero e raça, cabe investigar o acesso à saúde pelas mulheres e, especificamente, as mulheres negras, tal qual como se dá a apropriação e o trato destes corpos pela medicina.

OBJETIVO A pesquisa científica objetivou estudar e aprofundar os conhecimentos sobre a medicalização do corpo da mulher negra, identificar esses processos na contemporaneidade e analisar sua influência para a objetificação do corpo racializado. **METODOLOGIA** A pesquisa orientou-se pela metodologia qualitativa, tratando dos campos dos significados inseridos nas relações e processos (Minayo, 2001) e pela metodologia narrativa buscando, por meio de narrativas biográficas de mulheres, entender a relação entre o singular e o universal das histórias (Souza, 2007). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de São João del Rei (CEPSJ). Participaram do estudo cinco mulheres, de 30 a 40 anos, autodeclaradas negras, com qualquer escolaridade e orientação sexual, atendidas e vinculadas às Equipes de Saúde da Família (ESF) de São João del Rei - MG. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e assinado pela participante que concordasse em participar da pesquisa. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, as quais foram gravadas, transcritas e interpretadas pela Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). **RESULTADOS** Mediante a análise das narrativas destacam-se alguns aspectos: o acesso à saúde, os métodos contraceptivos, o trabalho e a raça. Percebe-se a influência do desemprego no adoecimento psíquico, acarretando mudanças no cuidado com a saúde. O acesso à saúde pode ser dificultoso, pelas burocracias envolvidas, a demora nos atendimentos e a falta de especialidades médicas. Nota-se uma desinformação sobre a temática dos métodos contraceptivos, contribuindo na diminuição da autonomia feminina no cuidado com a reprodução e com a sexualidade. Por fim, as vivências narradas, atravessadas pela raça, oportunizam refletir sobre a atuação médica frente ao corpo negro, seja em uma possível objetificação ou discriminação desse. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** A pesquisa aprofundou os estudos das temáticas propostas, oportunizando aproximar a teoria e a realidade do acesso e atendimento em saúde por mulheres negras. Possibilitou a expressão das experiências das entrevistadas, explicitando

¹ Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei, isadoraresendeandrade@gmail.com

² Docente do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de São João del Rei, tatiana.miranda@ufsj.edu.br

os desafios e as violências envolvidos no atendimento à saúde e no cuidado com o corpo. As narrativas individuais viabilizaram pensar acerca de trajetórias coletivas, compreendendo que as experiências singulares das sujeitas da pesquisa podem representar um horizonte de pistas possíveis para o desenvolvimento de ações mais abrangentes para experiências potencializadoras em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: medicalização, gênero, raça

¹ Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei, isadoraresendeandrade@gmail.com

² Docente do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de São João del Rei, tatiana.miranda@ufsj.edu.br